

SOBRE A ARTE DO APRENDER E ENSINAR NO *DIDASCÁLICON* DE HUGO DE SÃO VITOR: uma pedagogia voltada para formação do homem enquanto um ser para Deus

**ON THE ART OF LEARNING AND TEACHING IN THE *DIDASCÁLICON*
WRITTEN BY HUGH OF SAINT VICTOR: A pedagogy that aims the formation of the
man as a human being to god's sight**

Aluno: José Bartolomeu Gomes da Silva Júnior

Orientador: Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa (UFPE)

Resumo: O presente artigo visa examinar o *Didascálicon* de Hugo de São Vitor (1095 – 1141), uma obra considerada por muitos como um marco na história da educação medieval, em busca de uma pedagogia filosófica que forneça as bases para o conhecimento. Nesta obra, Hugo apresenta uma metodologia que conduz o(a) estudante ao conhecimento das artes, que, por sua vez, leva ao conhecimento da Sapiência. Essa filosofia – amor à Sapiência –, se inicia com a leitura, estágio dos iniciantes, e se conclui com a contemplação, degrau da perfeição. Portanto, procuraremos demonstrar como o(a) estudante avança em cada período desse processo, destacando aquilo que pode influenciar esse aprendizado, seja positiva ou negativamente, concluindo com uma aplicabilidade dessa pedagogia para os nossos dias.

Palavras-chave: Sapiência, Hugo, *Didascálicon*, estudante, leitura.

Abstract: This article aims to examine the *Didascalicon* written by Hugh of Saint Victor (1095 – 1141). The work is considered by many as a milestone in the history of medieval education, in search of a philosophical pedagogy that may provide the basis for knowledge. In this work, Hugh presents a methodology that leads the student to the knowledge of the arts, which, in its turn, leads to the knowledge of Wisdom. This philosophy - love of Wisdom - begins with reading, the first step to the beginners, and concludes with contemplation, the last step of perfection. Therefore, we will demonstrate how the student advances in each stage of this process as well as highlighting what can influence this learning, whether positively or negatively and at last concluding with an applicability of this pedagogy for our present time.

Keywords: Wisdom, Hugh, *Didascalicon*, student, reading.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“A palavra Pedagogia tem origem na Grécia, *paidós* (criança) e *agodé* (condução). A palavra grega *Paidagogos* é formada pela palavra *paidós* (criança) e *agogos* (condutor). Portanto, pedagogo significa condutor de crianças, aquele que ajuda a conduzir o ensino” (HAMZE, s.d.). Assim sendo, a pedagogia está ligada ao ato de condução do saber. E até hoje a preocupação da pedagogia é encontrar formas de levar o indivíduo ao conhecimento.

É no tocante a essa preocupação que encontramos a justificativa para a nossa pesquisa, pois se a pedagogia visa conduzir o homem ao conhecimento, é mister que este também seja instruído acerca do Criador, da Razão universal e do propósito estabelecido por Ele para a existência humana. Tal perspectiva começou a ser subvertida no século XIII, com um prenúncio da modernidade, a partir de Abelardo e vários universitários, como está escrito na Introdução de Eduardo Zaratini a obra *A Instrução dos Principiantes*, de Hugo de São Vitor:

Eis o ideal da tradição cristã continuada pelos vitorinos, subvertido por Abelardo e por muito universitários do século XIII que, renunciando a modernidade, viam como reinos radicalmente separados a vida do corpo, a vida moral, e o trabalho da razão, a lógica e o discurso (2021, p.13)

Dando mais corpo a essa denúncia, acrescenta:

a separação do estritamente lógico e racional, puramente “filosófico”, da pedagogia que visava a formação de uma personalidade inteiriça, baseada na unidade da vida de um indivíduo, cujo objetivo era a sabedoria e a contemplação, com a qual ‘tem-se um antegosto nesta vida do que será a recompensa futura (*Ibid.*, p. 7).

Essa subversão aumentou exponencialmente, principalmente, na época da Renascença, como observamos no escrito anônimo *Princípios Fundamentais da Pedagogia*:

Com o advento da educação a que se chamou de humanista, o estudo foi utilizado somente como instrumento para a formação do caráter; se as escolas religiosas ainda orientavam os alunos a respeito da vida espiritual, esta orientação era algo paralelo ou acrescentado à escola e não tinha mais relação necessária com o estudo nela desenvolvido pelos alunos (PRINCÍPIOS fundamentais..., 2021, p. 5).

No entanto, outro movimento paradigmático da educação aconteceu nos séculos XVIII e XIX, onde o princípio da educação humanista que objetivava a formação do caráter deu lugar a um novo propósito, denominado de tecnicista, como constatamos na supracitada obra:

O espírito da educação humanista e o objetivo mais importante do sistema escolar deixou de ser a formação do caráter do aluno para se tornar a aquisição de determinadas habilidades úteis para a sociedade ou exigidas pelo mercado de trabalho. A formação do caráter foi buscada, principalmente, indiretamente através da aquisição e do exercício destas habilidades (*Ibid.*, p. 5).

Hoje, como a educação perpassa não apenas um conceito acerca de um conhecimento científico, formal e profissional, mas prioriza a própria formação do sujeito enquanto ser social que interage, que exerce a cidadania, que toma decisões e se expressa, se faz ainda mais

necessário apresentar propostas pedagógicas fundamentadas neste ser integral, incluindo os aspectos religiosos.

Portanto, pensar numa pedagogia sem a perspectiva religiosa, no sentido de uma reflexão com o Transcendente e Seu *telos* para a criatura, é desprezar o valor e o impacto que essa vem efetuando ao longo de toda história cristã.

É nesta perspectiva que situamos o nosso objeto de estudo, a saber, “*Sobre a arte do aprender e ensinar no didascálicon de Hugo de São Vitor: uma pedagogia voltada para formação do homem enquanto um ser para Deus*”. Pois, como disse um certo escritor acerca da pedagogia vitorina: “a pedagogia aqui descrita transcende a época em que se realizou como fato histórico; ela pertence, pensamos também nós, ao número daquelas coisas que não passam mais” (PRINCÍPIOS fundamentais..., 2021, p.16).

Hugo de São Vítor, abandonando uma perspectiva filosófica centrada apenas na teoria, propunha a “verdadeira filosofia, como ele mesmo define: a verdadeira filosofia, extraída do ser mesmo ‘como o mel de uma colmeia’ – a virtude, a beleza dos costumes e a divina sabedoria” (*apud* ZARATINI, 2021, p.9), que, segundo ele, dá continuidade a uma tradição “que supõe um estilo de vida antes do cultivo das letras, e que serve deste com vistas ao seu ideal de vida eterna” (*Ibid.*, p. 9).

Antônio Marchionni, ao introduzir sua tradução do *Didascálicon*, diz que este foi “um dos livros medievais mais lidos nos círculos culturais do mundo” (2001, p. 9), no início do século XXI. Riquíssimo na descrição da cultura europeia do início do segundo milênio, ele apresenta um renascimento das escolas após os tempos de anarquia feudal. Sua relevância é tão marcante, que o famoso pedagogo Ivan Illich e escritor do *Du Lisible au visible*, um ensaio acerca da transformação intelectual do século XII fundamentado no *Da arte de ler* afirma, segundo Antônio Marchionni: “este livro de Hugo de São Vítor é considerado um divisor de águas no saber mundial, de maneira a poder-se falar de um “antes e após Hugo” (*Ibid.*, p. 9).

2 HUGO DE SÃO VÍTOR E O DIDASCÁLICON

A partir de uma extensa pesquisa sobre a biografia de Hugo de São Vítor e suas obras, especialmente o *Didascálicon*, objeto prioritário deste trabalho, seu contexto histórico e suas influências, encontramos diversas informações importantes para entendermos em que circunstâncias nasceu a perspectiva pedagógica/filosófica deste mestre medieval.

2.1 O contexto histórico que precedeu Hugo de São Vítor

De acordo com Wesley Rodrigues, para termos uma descrição mais adequada de Hugo de São Vítor precisamos iniciar falando sobre Guilherme de Champeaux, que nasceu em 1068 e faleceu em 1121 (cf. 2009, p. 22). Foi ele que, após dedicar alguns anos dedicados ao magistério na escola da catedral de Notre-Dame, criou a comunidade de cônegos que se tornou uma relevante escola, inicialmente chamada de abadia de São Vítor. Segundo o mesmo comentador, após estudar em Paris com Manegolo de Lautenbach, grande influenciador de sua espiritualidade, e com Anselmo de Laon e de Roscelino, Guilherme de Champeaux encerrou sua docência na catedral de Paris para reiniciá-la na abadia de São Vítor, para onde resguardou¹. Em consequência da sua chegada à abadia e da implementação dos seus pensamentos, São Vítor se consagrou como a produtora dos dois mais importantes pensadores do século XII, sendo reverenciados pelos “pelos escolásticos do século XIII” (*Ibid.*), a saber, Hugo de São Vítor (1090 – 1141) e Ricardo de São Vítor (1110 – 1173). Graças a estes dois nomes, a escola de São Vítor foi considerada “uma das primeiras entre as que deram origem à Universidade de Paris” (*Ibid.*). Para além das questões institucionais, Hugo de São Vítor também escreveu inúmeros livros vinculados à educação que, segundo Wesley Rodrigues, continuavam sendo editados até hoje.

Retornando a Hugo de São Vítor, e usando como base os trabalhos de Wesley Rodrigues e Sílvia Faethe, possivelmente ele nasceu no ano de 1096, período da alta Idade Média², em Hartigham, na Saxônia – no Sacro Império Romano Germânico.

Algumas mudanças sociais e econômicas ocorreram no final do primeiro milênio, período em que o poder era dividido entre o príncipe e a Igreja, que se tornara uma forte aliada do imperador devido à sua capacidade unificadora entre o povo e o império. Como o milênio se aproximava do fim, e os fiéis temiam a destruição geral do mundo, a Igreja católica, através dos seus dogmas e mitos, propagou as indulgências como meio de salvação e tranquilização das almas temerosas.

¹ O autor apresenta que Abelardo comenta na *História de minhas calamidades* o seu turbulento relacionamento com Guilherme e à retirada deste para a vida religiosa (cf. In: ABELARDO, São Paulo: abril, 1973, Col. Os Pensadores, p. 250 – 253).

² Segundo Sílvia Faethe, o período que se estende a Idade Média vai de 476, ano do fim do império Romano do Ocidente, e em torno aproximadamente de 1492, quando foram descobertas as Américas (cf. FAETHE, Sílvia Berbert de Andrade. Contribuições de Hugo de São Vítor para as universidades. In: **VII Jornada de Estudos Antigos e Medievais**. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/trabalhos.html>. Acesso em: 07.08.2022)

Nesse tempo, conforme citação que Silvia Faethe apresenta de Franco Cambi, da obra *História da Pedagogia*, a composição da estrutura social seguia o modelo de pirâmide, onde os guerreiros e os clérigos estavam no topo, e os camponeses e artesãos, ou seja, o povo, ocupavam a base dela, cada grupo com seus direitos bem determinados que, em suma, colocava o povo na condição de servidão:

A sociedade feudal é, portanto, uma sociedade fixa, com escassa mobilidade social e pouca reciprocidade; é uma sociedade de ordens, onde os homens se acham colocados com um papel social bem determinado. No vértice estão os *bellatores* (os guerreiros) e os *oratores* (os clérigos), embaixo estão os *laboratores* (camponeses, artesãos, ou seja, o povo), mas, cada ordem tem direitos precisos... são bastante impositivos e caracterizam a condição dos *laboratores* como de servidão (os ‘servos da gleba’ eram, de fato, os camponeses, colocados no degrau mais baixo da sociedade feudal (CAMBI *apud* FAETHE, 2022, p. 2)

Tal condição social caracterizou o feudalismo como uma hierarquia social e de poderes, onde o povo tinha direito à terra, cultivo e segurança, sob a prerrogativa de pagar um certo número de taxas aos senhores feudais e à Igreja.

A base dessa pirâmide é constituída pelos camponeses, também chamados de leigos. Nesse ponto, acrescenta Silvia, Faethe citando Jacques Le Goff: “na base dessa pirâmide social está a massa dos leigos, que somam 90% dos camponeses, uma parte deles, até o séc. XI, não é livre. Ainda existem escravos e servos, e as alforrias libertam grande parte deles” (LE GOFF *apud* FAETHE, 2022, p. 3). Continuando na descrição da hierarquia social e econômica do sistema feudal,

acima deles estão os senhores, que são os proprietários, os beneficiários da terra e dos produtos econômicos, em geral. Ao lado e acima dele, uma hierarquia política dividida em governos urbanos com magistrados urbanos e governos que, pouco a pouco, a partir do séc. XI e XII, assumem um aspecto estatal e geram monarquias, das quais as principais são a inglesa, francês e castelhana (FAETHE, 2022, p. 3)

Após o desmoronamento do império carolíngio, houve um tempo de instabilidade que promoveu a edificação de castelos fortificados, também nomeados de *burgus*, pelos senhores feudais, que forneciam proteção a seu povo através das suas muralhas, contornadas por um fosso. A principal atividade era agrícola, realizada fora dos muros, e em momentos de ameaça refugiavam-se no castelo.

Com a expansão comercial nas proximidades do castelo, a partir da segunda metade do século X, houve tanto uma crescente habitação das imediações das fortalezas, chamadas de

foris-burgus, quanto trânsito de comerciantes. Segundo Silvia Faethe, é a partir deste movimento de crescimento que surgem as cidades do medievo (cf. 2022, p. 3).

Esse crescimento também gera três novos contextos. Primeiro, a necessidade de aperfeiçoar algumas atividades profissionais que fomentou o surgimento das corporações. Segundo o aumento da população emancipada que morava além das muralhas dos castelos deu origem às comunas. Terceiro a Igreja assumiu a responsabilidade de instruir o povo por meio de vários tipos de escolas (monacais ou episcopais), demonstrando que esta acompanhava de perto as transformações sociais e suas demandas visando uma resposta satisfatória (cf. FAETHE, 2022, p. 4).

É nesse contexto que surgem os grandes pensadores como Hugo de São Vítor, uma das expressões mais fortes neste período.

Falando sobre sua filiação, Silvia Faethe afirma que “ele descendia da estirpe dos Condes Blakenburg, era filho de Conrado, também conde de Blackenburg”. Ainda falando da sua parentela, mesmo diante de uma escassez de informações, Silvia Faethe assevera que Hugo de São Vitor “tinha um tio chamado Reinardo o qual, em sua juventude, demonstrou vocação para a vida religiosa e inclinação para os estudos” (cf. 2022, p. 4). Esse tio teria se mudado para Paris, desejando melhores oportunidades acadêmicas e religiosas, já que Paris era um dos mais notáveis centros do renascimento cultural da Europa. Foi nessa busca que ele conheceu Guilherme de Champeaux e construiu uma amizade sólida. Após um período de vivência em meio aos Vitorinos, Reinardo retornou à Saxônia, onde foi consagrado bispo de Halberstadt.

Desejoso em promover um avivamento na diocese, Reinardo, segundo Silvia Faethe, “convida os cônegos Regulares de São Vítor a se instalarem na Saxônia, convidando também seu sobrinho Hugo de São Vitor a estudar com eles” (2022, p. 5). Foi exatamente neste contexto que Hugo conheceu os Vitorinos, abandonou a herança do título de conde e enveredou pelo caminho da vocação, como cita Wesley Rodrigues:

Tivesse se tornado o Conde Blackenburg, teria se tornado ilustre pelo seu valor em algum campo de batalha, ou por sua sabedoria no governo de seu condado, mas seu nome jamais teria chegado até nós. Agora, porém, seu nome está inseparavelmente ligado às coisas que não perecerão jamais, à ciência teológica da qual ele foi um dos restauradores, aos nomes de Pedro Lombardo e de São Tomás de Aquino, que sempre o viram como o seu mestre (2009, p. 23).

Em face do início de uma guerra na Saxônia, Hugo, sob direcionamento do seu tio, deixa sua terra natal e retorna a Paris, aos cônegos de São Vítor e a abadia, onde, segundo Silvia

Faethe, “futuramente viria a se tornar uma das maiores escolas de teologia da época e com algumas outras escolas da cidade, em pouco tempo, originariam a mais prestigiosa universidade do mundo ocidental latino” (2022, p. 7).

Os trabalhos dos cônegos em São Vítor que, para além dos atos religiosos também se estendia à cópia de manuscritos, proporcionou à abadia a edificação de uma riquíssima biblioteca, conhecida posteriormente como biblioteca de São Vítor, facilitou ainda mais o acesso de Hugo a um acervo inigualável em outros lugares.

Desta forma, ainda jovem e na companhia de seu avô, Hugo chegou a Paris, onde compusera o quadro de religiosos da abadia de São Vítor, conforme Wesley Rodrigues:

Assim, Hugo, com a idade de dezoito anos, acompanhado de seu avô, cujo nome também era Hugo, dirigiram-se para Paris, onde se tornaram religiosos na abadia de São Vítor. Portanto, Hugo chegara jovem a Paris e a São Vítor (provavelmente em 17 de julho de 1115)” (2009, p. 24).

Pouco tempo depois, Hugo já era mestre na abadia, sucedendo seu orientador Tomás e tendo como característica marcante a especulação e submissão de cada problema encontrado a minucioso exame.

Ainda segundo informações obtidas com Wesley Rodrigues (cf. 2009, p. 24), Hugo veio a falecer na abadia de São Vítor quando tinha apenas 44 anos, em fevereiro de 1141, sucedido pelo seu discípulo Ricardo de São Vítor que, sob orientação de Hugo, veio a ser um teólogo respeitado. Este, em face do seu respeito e admiração a seu mestre, continua com sua obra gerando um único compêndio de ensinamentos pedagógicos e teológicos.

Uma característica marcante da escola de São Vítor era a ênfase filosófica e científica da cultura, sempre fundamenta na oração e contemplação a Deus. É por isso que também encontramos essa valorização por várias áreas do conhecimento em Hugo de São Vítor, tais como: a filosofia, a teologia, a história e as artes (artes têxteis, fabricação de armas, agricultura, arte de caça, conservação de alimentos, teatro, etc.). Dentre as obras mais destacadas temos o *De sacramentis christianae fidei*, *Epitome in philosophiam*, *Commentum in hierarchiam celestem* e *Didascálicon*. Além desses, Antônio, Marchionni (cf. 1998) dá-nos notícias das seguintes obras de Hugo de São Vítor: *Sobre a hierarquia celeste do Santo Dionísio*, *Sobre o Eclesiastes*, *Da união do espírito e do corpo*, *Dos três dias*, *Da essência do Amor*, *Solilóquio sobre o penhor da alma*, *Em louvor do Amor*, *Da arca mística de Noé*, *Da arca moral de Noé* e um livro de geografia *Descrição do mapa do mundo*.

Podemos considerar Hugo de São Vítor como o responsável pelo pontapé inicial no “processo educativo sistematizado na Idade Média” (RODRIGUES, 2009, p. 25). No *De sacramentis christianae fidei*, encontramos um trabalho semelhante às sumas teológicas subsequentes, com um caráter bem dogmático, como a de São Tomás de Aquino. Já no tratado pedagógico *Didascálicon*, obra que está sob nossa análise neste trabalho, temos uma das principais obras dos séculos XII e XIII, que apresenta o educador como aquele que deve conduzir o aluno na transição “do mundo sensorial, que dá acesso ao conhecimento secular, para o mundo sobrenatural, que abre as portas à verdade divina, a única que é eterna e imutável” (RODRIGUES, 2009, p. 25), uma influência tanto platônica quanto agostiniana – sobre isso trataremos no próximo tópico.

Essas obras pedagógicas, como, por exemplo, o *Didascálicon*, conseguem reunir quatro aspectos relevantes raramente vistos numa mesma obra e autor, de acordo com Wesley Rodrigues (2009), os quais são: uma vida de manifesta santidade, inteligência notadamente brilhante, atividade docente e a direção de uma das mais importantes escolas do século XII. O resultado dessa convergência é que Hugo de São Vítor não apenas ministrava conteúdos, mas ainda apresentava aos discentes uma metodologia de aprendizagem. Com relação aos docentes, sua orientação consistia numa metodologia de ensino. E no que diz respeito à escola, ele administrava uma metodologia de organização. Notadamente sobressai na sua perspectiva pedagógica uma visão de que o todo corrobora ou compromete o aprendizado do estudante, não apenas aspectos isolados na prática do docente, ou no comportamento do discente, ou ainda na gestão escolar. E o fim desse engajamento do todo (professor, aluno e escola) é a “efetiva realização da verdade e à plenitude da vida moral” (RODRIGUES, 2009, p. 26). É pertinente destacar que no meio corporativo já existe uma forte ênfase no cuidado integral do(a) profissional, pois há o entendimento de que não apenas as habilidades técnicas são suficientes para uma boa produtividade. Os aspectos emocionais, psíquicos e espirituais também são fundamentais à produção deste. Neste sentido, Hugo de São Vítor parece estar à frente de sua época, pois sua pedagogia já contemplava a perspectiva de que a vida intelectual e espiritual, teórica e prática, agiam conjuntamente no ensino-aprendizado, seja na condição de docente, seja na condição de discente.

Contemplando essa perspectiva é que certo autor declarou que “Hugo de São Vítor organizou o estudo como um instrumento de ascese cristã a ser utilizado conjuntamente com os

demais meios para o desenvolvimento da vida do espírito”³, porque, continua o autor, “o estudo e a ascese não são atividades independentes nem paralelas”; pelo contrário, pelo fato de Hugo de São Vitor enxergar a vida e os estudos como a busca da Sapiência, a Mente Divina, não há separação entre o desenvolvimento espiritual e a busca do conhecimento científico, ambos estão interligados como uma única coisa, de acordo com a afirmação do supracitado autor:

uma coisa faz parte da outra, a tal ponto que este pode ser corretamente identificado como um dos elementos que distinguem o que se pode chamar de espiritualidade vitorina, uma determinada forma de desenvolvimento da vida cristã que inclui dentro dela a pedagogia, e que pode se desenvolver como em um lugar próprio, em uma escola” (*Ibid.*).

2.2 As propostas pedagógicas existentes no início da Baixa Idade Média

Quando pensamos na educação e pedagogias existentes na Idade Média, e mais especificamente no século XII, precisamos recordar que mesmo ainda no início do século XXI este período é visto, ainda hoje, como obscurantista, retardado, ignorante, supersticioso, fanatista, etc. E ainda que já estejamos no ano 2022, com inúmeros avanços acadêmicos no estudo da filosofia medieval e áreas afins, como a educação, não é incomum ouvirmos comentários ou lermos obras que retratem o medievo como “idade das trevas”.

Continuando a reflexão sobre esse tipo preconceito medieval, Wilson Arnhold cita uma leitura da relação passado-presente exposta por Jacques Heers: “Cada sociedade inventa os seus bodes expiatórios, reflexo para justificar fracassos ou desenganos, e sobretudo para alimentar animosidades” (HERRS, *apud* ARNHOLD, 2014, p. 11). Isto é, nem sempre o que se diz sobre um determinado momento histórico é o que aconteceu de fato, mas reflete o propósito de quem fala. Ainda nesta direção de justificar essa postura moderna/contemporânea contra o medievo, o autor ainda acrescenta: “Cumular o passado de todos os males e de todos os malefícios, revesti-lo de uma imagem sombria⁴, permite-nos a nós sentir-nos melhor, mais felizes no nosso tempo e na nossa pele” (2014, p. 11), ou seja, se o nosso bem-estar atual depende do sacrifício de alguém ou de algum fato histórico, que não seja eu o sacrificado, e, sim, o outro. Então, para

³ Trecho extraído do texto *Notas sobre a pedagogia de Hugo de São Vitor*, sem declaração do autor e disponível no endereço eletrônico: [file:///D:/Documenta%20Catolica%200mnia/99%20-%20Pr...s%20Library/001%20-Da%20Fare/01/NotasPedagogia-2.htm\(1 of 2\)2006-06-02 15:18:59](file:///D:/Documenta%20Catolica%200mnia/99%20-%20Pr...s%20Library/001%20-Da%20Fare/01/NotasPedagogia-2.htm(1%20of%202)2006-06-02%2015:18:59)

⁴ No texto original a palavra existente é “negra” que, de acordo com o contexto de luta contra o racismo, foi por mim substituída pelo termo “sombria”, sem, contudo, alterar o sentido do texto.

a conveniência da modernidade/contemporaneidade e consolidação do seu pensamento, é melhor exorcizar definitivamente a reflexão medieval e toda a sua riqueza.

Foi exatamente isso que afirmou, segundo Wilson Arnhold, o historiador da filosofia Anthony Kenny, de Oxford:

Não há tanto tempo, em muitas universidades, os cursos de história da filosofia iam diretamente de Aristóteles para Descartes, pulando a Antiguidade Tardia e a Idade Média. Havia a crença bastante difundida nos círculos acadêmicos que a filosofia medieval não merecia ser estudada. Esta crença não era geralmente baseada em qualquer familiaridade com os textos principais: tinha mais probabilidade de ser uma herança acrítica de um preconceito religioso ou humanista (KENNY, *apud* JUNIOR, 2014, p. 12)

Contudo, no meio acadêmico esse preconceito está cada vez mais ultrapassado, ao ponto que encontramos vários estudos sobre filosofia e educação a partir dos autores e obras medievais, resultando não apenas na difusão do pensamento medieval, mas, principalmente, na grande contribuição que estes proporcionam ao pensamento moderno. É nessa direção que Wilson Arnhold apresenta em seu trabalho a citação de Albert Zimmermann, ex-diretor do Thomas- Institut da Universidade de Köln:

Por mais diferentes que fossem os ensinamentos dos pensadores medievais, todos eles tinham uma convicção fundamental em comum: a saber, que a base e o padrão das suas deliberações sobre questões éticas e políticas é o valor e a dignidade do indivíduo humano. Tal concordância não será encontrada no pensamento moderno, apesar da ênfase com que os herdeiros do Iluminismo se referem tão frequentemente à prescrição ética básica deduzida da dignidade do homem por I. Kant, ou seja, que uma pessoa não deve ser considerada e tratada meramente como um meio para um fim (ZIMMERMANN, *apud* JUNIOR, 2014, p. 12)

Voltando o nosso olhar para o século XII, temos diante de nós inúmeras mudanças, e, porque não dizer, transformações essenciais na educação, desde sua organização enquanto instituição, quanto da crescente ampliação nas áreas do conhecimento.

Na perspectiva institucional, nos deparamos com o movimento sucessivo do ensino nas escolas rurais, para as escolas relacionadas às catedrais na zona urbana. Ainda outra possibilidade de ensino surgiu nesse tempo, a saber, as escolas privadas originadas por mestres autônomos, aulas particulares, etc. que abririam as portas das primeiras universidades, logo mais.

Já no tocante aos conteúdos, houve um desenvolvimento dos métodos dialéticos, traço marcante nas obras de Abelardo; a inclusão de conhecimentos manuais como as artes mecânicas através da inovação pedagógica presente no *Didascálicon* de Hugo de São Vitor, e, como afirma

Wilson Arnhold, “retornam a circular com vigor as obras parcialmente esquecidas de autores como Virgílio, Ovídio, Cícero, e outros clássicos da antiguidade” (2014, p. 14).

Em face das transformações supracitadas, que trouxeram uma verdadeira revolução na educação medieval, a afirmação *Renascimento do século XII*⁵ tornou-se uma insígnia deste período.

O resultado desse período frutífero tornou-se mais volumoso no século seguinte, com o surgimento das universidades e as grandes elaborações teológicas da Escolástica, que Wilson Arnhold, citando um trecho da obra que expõe a cultura monástica medieval, *O amor às letras e o desejo de Deus*, escrita por Jean Leclercq, afirma: “Admite-se agora que esse período exerceu um papel capital na preparação da teologia escolástica do século XIII” (2014, p. 15).

Contudo, além deste legado deixado para o século XIII, outro importante dado sobre o século XII foi o crescimento das cidades, que impulsionou a necessidade de mão-de-obra qualificada, suscitando o nascimento de escolas profissionalizantes, objetivando a capacitação em alguns ofícios práticos. Ou seja, em certa medida o aumento territorial e comercial potencializou um crescimento na educação, e no quantitativo de mestres e alunos, que buscavam nos estudos a condição necessária para o engajamento no mercado de trabalho. Hoje, quando pensamos em escolas profissionalizantes, estamos falando sobre uma pedagogia tecnicista, que, segundo Juliana Miranda, escritora do site Grupo Escolar, “é uma área de estudo criada nos Estados Unidos. Este campo adota um modelo empresarial da educação, moldando os padrões educacionais para a sociedade moderna e tecnológica”⁶. Ainda falando sobre a pedagogia tecnicista, Juliana afirma:

o objetivo da pedagogia tecnicista é preparar profissionais para o mercado de trabalho a partir de métodos de ensino tayloristas, nos quais as atividades são divididas entre técnicos, com um planejamento racional. Na prática, a pedagogia tecnicista busca eficiência, racionalidade e produtividade [...] A escola tecnicista organiza o processo educativo para torná-lo objetivo e operacional [...] O pesquisador Skinner é considerado um dos principais representantes da análise experimental do comportamento humano e da pedagogia tecnicista (GRUPO ESCOLAR, 2006 – 2022).

Entretanto, é relevante destacar que embora a educação estivesse respondendo às demandas territoriais, demográficas e materiais, as escolas de São Vitor, de Charles e o ensino

⁵ Segundo Wilson Arnhold, esse termo foi criado por Charles Homer Haskins, em 1927, na obra *The Renaissance of the Twelfth Century* (cf. 2014, p. 14).

⁶ Texto consultado no dia 16 de agosto de 2022 e disponível no endereço eletrônico <https://www.grupoescolar.com/pesquisa/pedagogia-tecnicista.html>

de Pedro Abelardo, tinham como objetivo principal a formação do indivíduo, conforme assevera Wilson Arnhold:

muitas das principais expressões pedagógicas deste século – tais como a Escola de São Vitor, a Escola de Charles, e mesmo o ensino de Pedro Abelardo – não visavam a transmitir um ofício, ou uma técnica que pudesse ser remunerada, mas tinham como objetivo a formação da alma do indivíduo, e o aprimoramento do intelecto (2014, p. 15).

Independente do propósito dominante em cada prática pedagógica vivenciada no século XII, é inquestionável a contribuição deste período à história da educação, como afirma o historiador brasileiro Ruy Afonso da Costa Nunes na obra *História da Educação na Idade Média*:

Quem estuda a história da Idade Média percebe com meridiana clareza que o século XII representa a confluência de toda a sementeira e de toda a fermentação dos séculos anteriores no surgimento da nova civilização medieval, que chegará ao apogeu no século XIII e no início do surto cultural do Ocidente que nunca mais se deteve, e se estendeu em linha reta, desde a recuperação da ciência antiga até às invenções e às descobertas da era atômica e espacial em que estamos a viver (NUNES, 2018, p. 195 – 196).

Voltando os nossos olhos para as propostas pedagógicas vigentes no início do segundo milênio, iniciamos dizendo que o currículo das escolas monásticas e episcopais era constituído das “sete artes liberais”, que até o século XII eram semelhantes àquilo que chamamos hoje de matérias ou disciplinas. A partir do século XIII, com a descoberta dos escritos filosóficos de Aristóteles, esse conceito foi ampliado, como afirma Ruy Costa, na obra *História da Educação na Idade Média*:

Após o renascimento da filosofia no Ocidente, depois do século XII, a introdução da filosofia aristotélica no currículo e o comentário da obra de Aristóteles por Santo Tomás de Aquino durante o século XIII, os estudiosos medievais tomaram perfeita consciência do significado e do alcance da expressão artes liberais [...] Na primeira parte da Idade Média [...] as *artes liberales* eram entendidas simplesmente no mesmo sentido com que hoje se fala de matérias do ensino ou de disciplinas curriculares (NUNES, 2018, p. 162).

Essa postulação das artes liberais em sete também fora defendida por Santo Isidoro de Sevilha, em 600, na obra *Origines sive Etymologiae*, por Cassiodoro na obra *Intituições Divinas e Seculares* e por Severino Boécio nos seus escritos lógicos e matemáticos. Alcuíno foi outro que escreveu sobre as “artes liberais”, no século IX, dos quais, segundo Ruy Costa, apenas os referentes ao *Trivium* – gramática, retórica e dialética – chegaram até nós.

Para além desses documentos, temos um riquíssimo relato de Valfrido Estrabão, estudante do mosteiro de Reichenau, nos meados do século IX, o *Diário de um Estudante*, que descreve o currículo e o cotidiano do estudante no mosteiro. Este material só foi descoberto no final do século XIX, segundo Ruy Nunes, traduzido e publicado em alemão por Augusto Messes na obra *História da Pedagogia*.

Nesse contexto cristão, o número *sete* carregava em si uma profunda simbologia, já que, segundo Ruy Nunes, “são sete as petições do Padre-Nosso, sete os Dons do Espírito Santo, sete os sacramentos e existem sete virtudes, sete pilares da sabedoria e sete céus” (2018, p. 164).

Além das “setes artes liberais”, continua Ruy Nunes, os estudantes deveriam conhecer “as sete artes mecânicas necessárias à vida social e à utilidade dos homens: as artes da tecelagem, do ferreiro, da guerra, da navegação, da agricultura, da caça e da medicina, e às quais se acrescentavam as do teatro, da dança, da luta e da condução de veículos” (2018, p. 164). E até quando se pensava na preparação de um cavaleiro o número *sete* aparecia constituindo a educação dos jovens desde a infância como pajens e na adolescência como escudeiro: “equitação, esgrima, torneio, luta, corrida, salto e arremesso da lança ou noutro elenco: equitação, natação, tiro de flecha, luta, caça, xadrez e versificação” (2018, p. 164).

Assim como houve esse transbordamento das artes mecânicas, que, por isso, faz parte da reflexão filosófica de Hugo de São Vitor na obra em questão, uma inovação na investigação filosófica do século XII, as “artes liberais” também sobressaíram à luz do contexto, de forma que foram ampliadas, a partir deste século, com a “introdução da enciclopédia aristotélica e da ciência muçulmana no Ocidente cristão” (2018, p.164), levando a criação de novas escolas e à ampliação do número de disciplinas nos currículos, especialmente com a proeminência da dialética e da matemática, a partir do século X.

A dialética ganha destaque com as leituras e pesquisas realizadas nas obras lógicas de Severino Boécio, como ressalta Ruy Nunes:

No fim do século X, Gerberto lhe conferiu papel de relevo no ensino na escola episcopal de Reims, Fulberto cultivou-a na escola episcopal de Chartres, enquanto o seu ensino coruscava e atraía alunos na escola monástica de Bec sob o impulso e a direção dos italianos Lanfranco e Santo Anselmo (2018, p. 165).

Outra informação importante a ser pontuada, é que na Idade Média as “artes liberais” são disciplinas do ensino escolar com o propósito de contribuir na redenção da ignorância e no desvio do erro. Por isso, elas são bem abrangentes que, segundo Ruy Nunes, incluem as

disciplinas literárias como a gramática e retórica, filosóficas como a dialética – que foi a única representante da filosofia no ensino durante séculos – e científica como as quatro artes do quadrívio que se enriqueceram soberbamente, por ocasião do renascimento cultural do século XX (2018, p. 165).

Dessa forma, estamos diante de uma educação que contempla todos os aspectos do ser humano medieval, com o estudo das letras, das ciências e da filosofia, levemente traspassada pelo espírito sobrenatural do Evangelho.

As “sete artes liberais” foram apresentadas para os medievais por Marciano Mineu Félix Capela, um estudioso de língua latina da antiguidade tardia. Foi ele que, segundo Ruy Nunes, inspirou os artistas de tal forma com sua apresentação das artes, que estes a utilizaram como fundamento para decorar as catedrais e ornamentar os manuscritos. A descrição do supramencionado Marciano, de acordo com Ruy Nunes:

A Gramática é uma matrona que viver quase a vida inteira na África e se apresenta revestida de manto romano trazendo nas mãos um estojo de marfim com tinta, penas e tabuinhas, a fêrula para castigar os mais alunos e, ainda, um escalpelo para corrigir na língua e nos dentes os vícios da linguagem e mais uma lima dividida em oito partes por riscos doirados, símbolos das divisões do discurso. *A Dialética*, de rosto esperto e bela cabeleira, tem na mão esquerda uma serpente meio oculta pelo vestido e, na direita, uma tabuinha de cera e um anzol. *A Retórica*, a virgem mais impotente e bela, armada como um guerreiro, marcha ao som das trombetas. *A Geometria* é linda mulher cujo vestido ostenta as formas e os movimentos dos astros, bem como a sombra da terra no céu. Ela traz na mão direita um compasso (*radius*) e, na esquerda, uma esfera. *A Aritmética* apresenta-se com a cabeça resplandecente, a sua roupa traz representações dos seres da natureza e os seus dedos agitam-se como vermes inquietos. *A Astronomia* aparece num globo de fogo, coroada de estrelas, com asas doiradas e penas de cristal. Numa das mãos segura um instrumento brilhante e, na outra, um livro em que se veem os caminhos dos deuses e os cursos dos astros. Por fim, surge a *Harmonia* ou *Música* com a sonora cabeça coberta por folhas de ouro coruscante e revestida de lâminas que retiniam ao menor movimento, de modo que ela é melodiosa da cabeça aos pés (CAPELA, *apud* NUNES, 2018, p. 167)

3 UMA PEDAGOGIA PARA A FORMAÇÃO DO HOMEM ENQUANTO UM SER PARA DEUS

A obra *Didascálicon* de Hugo de São Vitor traz uma resposta pedagógica efetiva, pois sua riqueza é tão abrangente que, a depender da ótica empregada em sua análise, podemos enxergá-la como uma obra filosófica, mística, ética, antropológica ou pedagógica. O método

presente nesta obra reivindica a máxima de Santo Inácio de Loyola (1491 – 1556): “*ora et labora*” – Ore como se tudo dependesse de Deus e trabalhe como tudo dependesse de você⁷.

Segundo Sílvia Faethe, o *Didascálicon* é composto de seis livros, três dedicados ao conhecimento das coisas do homem pela leitura dos escritos literários e três dedicados ao conhecimento das coisas de Deus pela leitura da Sagrada Escritura” (FAETHE, 2022, p. 8).

Ainda de acordo com Sílvia Faethe, Hugo de São Vitor dispôs sua obra da seguinte forma:

nos primeiros capítulos (I, II, III) define alguns princípios do estudo, as disciplinas e cita autores das artes, aconselha princípios básicos de como estudar e apresenta algumas atitudes necessárias para o estudo que são: discernimento, meditação, memória, disciplina, humildade, silêncio, despojamento e exílio.

... nos capítulos posteriores (IV, V, VI), já no estudo das Escrituras, é que ele mostra para nós profundamente um espírito de caráter investigativo apresentando a ordem, ressaltando com sabedoria a importância de saber as origens das obras, como também quem as traduziu. Aconselhar a usar a tradução mais fiel ao sentido das palavras. Dá importância também ao período histórico-social em que foi escrita, quem escreveu a obra, qual o assunto tratado pela obra [...] eleger sabiamente quais serão lidas e em que ordem (*Ibid.*).

Todo empenho e dedicação de Hugo na recomendação dos estudos das Escrituras e seu método é justificado na concepção de que a Sapiência Criadora “é mente viva e única razão primordial das coisas” (HUGO de São Vitor, 2001, p. 53). Acrescentando a essa definição, diz Antônio Marchionni na Introdução a sua tradução da obra *Didascálicon: da arte de ler*, de Hugo de São Vitor:

A Sapiência é forma do bem perfeito. Ela é, antes de tudo, a forma do próprio Deus, que é bom e perfeito. Em segundo lugar é forma do mundo. O mundo e o homem estiveram dentro daquela forma e foram moldados por ela antes de serem criados [...] Como forma causal que cria o mundo, esta forma transfere a sua bondade perfeita para todo o universo (MARCHIONNI *In*: HUGO de São Vitor, 2001, p. 11)

Ora, se a Sapiência é a fonte de tudo, todo conhecimento só será legítimo, ou cumprirá seu objetivo formativo, pedagógico, se conduzir o homem ao conhecimento de si mesmo no conhecimento da Sapiência, como asseverou o supracitado comentador:

Por que esta Sapiência deve ser a primeira a ser procurada? Porque ela – explica Hugo – é a nossa origem. Conhecendo-a, conhecemos a nós mesmos [...] estava escrito na trípole do templo de Apolo em Delfos o famoso ditado: ‘Conhece-te a ti mesmo’. Mas, o que significa para o homem conhecer-se a si

⁷ <https://pt.linkedin.com/pulse/ora-et-labora-ore-como-se-tudo-dependesse-de-deus-e-todescatto-mba>

mesmo, senão conhecer a sua própria origem, o lugar divino de onde veio?
(*Ibid.*, p. 10 – 11)

Esse caminho de conhecer a Sapiência para conhecer a si mesmo acontece, primeiramente, através da leitura, conforme acentua o mesmo comentador: “Hugo responde que tudo começa com o ato de ler” (*Ibid.*, p. 11).

Mas, é importante acrescentar que Hugo não estava pensando em qualquer tipo de leitura ou em uma leitura despreziosa; pelo contrário, além de estabelecer um método de leitura, Hugo também encoraja os estudantes a lerem com paixão, com fervor e dedicação, sem desprezar nenhum conhecimento que seja, como ele mesmo afirma:

o estudante prudente, portanto, ouve todos com prazer, lê tudo, não despreza escrito algum, pessoa alguma, doutrina alguma [...] Não considere vil conhecimento algum, portanto, porque todo conhecimento é bom [...] Se você não lucra, também não perde nada, sobretudo porque não há nenhum escrito, creio eu, que não proponha algo desejável, se é tratado no lugar e no modo devido, e não há nenhum escrito que não contenha algo especial não encontrado alhures, algo que o diligente escrutador da palavra não possa agarrar com tanta maior graça quanto mais é raro (HUGO de São Vitor, 2001, p. 157)

Ainda nessa reflexão sobre o conhecimento de si através do conhecimento da Sapiência é que chegamos ao conceito do que é a filosofia, sua divisão e a sua relação com a Sapiência.

Sobre a primeira questão, o que é a filosofia, Antônio Marchionni apresenta quatro possibilidades de respostas:

Na primeira, ele fundamenta sua resposta no aspecto etimológico, atribuído a Pitágoras, “a filosofia é o amor (*filia*) da Sapiência (*sofia*)” (MARCHIONNI *In*: HUGO de São Vitor, 2001, p. 16). Consequentemente, a figura do filósofo não é o possuidor da Sapiência, porém aquele que, reconhecendo sua ignorância e limitação, se entrega diligentemente na busca, como o amante anela sua donzela, da Sapiência. E, segundo afirmações anteriores, Hugo entende que a Sapiência é a mente divina, “que não carecendo de nada, é mente viva e única razão primordial das coisas” (HUGO de São Vitor, 2001, p. 53). Sendo assim, a filosofia é, segundo Antônio Marchionni, “amor e zelo e em um certo sentido uma amizade para com a Sapiência” (MARCHIONNI, *In*: HUGO de São Vitor, 2001, p.16).

A segunda definição apresentada conceitua a filosofia como a “disciplina que investiga exaustivamente as razões de todas as coisas humanas e divinas” (*Ibid.*, p. 16). É uma perspectiva bem metafísica encontrada nos círculos filosóficos romanos, bizantinos, agostinianos e latinos.

A terceira definição atrai nossa atenção para o pensamento grego quando afirma que “a filosofia é arte das artes e a disciplina das disciplinas” (*Ibid.*, p. 16). Neste caso, segundo o próprio Hugo declara, “esta diferença entre arte e disciplina foi estabelecida por Platão e Aristóteles” (HUGO de São Vitor, 2001, p. 85). Como Platão divide a realidade em dois mundos distintos, o inteligível e o sensível, no primeiro estão as ideias essenciais e originárias de todas as coisas que existem, já no segundo encontramos apenas as cópias ou formas sensíveis das coisas do mundo ideal. Dessa forma, para Platão, a arte acaba distanciando mais as pessoas do ideal, pois, sendo cópias produzidas no mundo sensível, são cópias das cópias, gerando mais afastamento e dessemelhança da realidade do que aproximando o ser da sua essência. É assim que Platão invalida o conhecimento alcançado pela arte, voltando-se à filosofia, contemplação racional em busca das verdades ideais na alma outrora conhecedora de todas as coisas no mundo das Ideias⁸. Já quando nos voltamos para Aristóteles, percebemos que ele não faz essa divisão da realidade entre o mundo sensível e o inteligível. Ele entende que a realidade é única e sensível. Sendo assim, falando sobre a arte, no livro da *Metafísica*, Aristóteles considera que o ensinável é uma evidência de saber, razão pela qual ele declara “por isso nós consideramos mais ciência a arte do que a experiência, porque [os homens de arte] podem ensinar e os outros não” (ARISTÓTELES, *Metafísica*, I, 2, 1973, p. 212). Mas, segundo Aristóteles, as artes se multiplicaram gerando uma subdivisão: as artes que visam as necessidades, as artes que visam a satisfação e outras que são produzidas no *ócio*⁹. Já a filosofia, lida com as causas primeiras, uma ciência teórica que possibilita ao filósofo conhecer todas as coisas, mesmo que não tenha a ciência de cada uma particularmente. A filosofia não busca apenas o conhecimento das causas, mas a maior exatidão deste conhecimento. É por isso que, para Aristóteles, a filosofia é a disciplina das disciplinas, como ele afirma:

E, das ciências, a que escolhemos por ela própria, e tendo em vista o saber, é mais filosofia do que a que escolhemos em virtude dos resultados; e uma [ciência] mais elevada é mais filosofia do que uma subordinada, pois não convém que o filósofo receba leis, mas que as dê, e que não obedeça ele a

⁸ Teria da reminiscência, que segundo Platão, “o ser humano é formado de uma parte mortal, a saber, o corpo; e uma parte imortal, a saber: a alma; antes de habitar este mundo, nossa alma habitava o mundo das ideias. Lá ela possuía todo o conhecimento possível, não era ignorante a respeito de nada. No entanto, quando nossa alma se junta ao corpo, ela acaba se esquecendo de tudo aquilo que ela sabia lá no mundo das ideias. Assim, o conhecimento para Platão é reminiscência (ou seja, lembrança) daquilo que nossa alma já viu quando habitava o mundo inteligível. Conhecer é, portanto, nada mais do que lembrar, trazer de volta à memória aquilo que já vimos em outro mundo” (PLATÃO: reminiscência e conhecimento em filosofia. Disponível em: <https://descomplica.com.br/d/vs/aula/platao-reminiscencia-e-conhecimento/>. Acesso em 29/08/2022)

⁹ Viver no ócio significa estar aliviado de trabalho manual e de cuidados materiais e, portanto, usufruir condições que permitam o exercício da atividade intelectual, ou teórica, sem a preocupação de obter o que é essencial à vida de cada dia (cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*, I, 2, 1973, p. 212).

outro, mas a ele quem é menos sábio (ARISTÓTELES, *Metafísica*, I, 2, 1973, p. 213)

A quarta definição apontada por Antônio Marchionni trabalha com a reflexão sobre a morte, pensamento presente no estoicismo que a enxerga como o grau mais elevado de liberdade. Segundo Hugo, essa perspectiva é predominante no Cristianismo, já que os cristãos devem viver abnegadamente na terra, ou seja, desprovidos de anseios materiais e terrenos, sempre atentos e desejosos dos prazeres vindouros e da cidade celestial, como ele mesmo diz: “a filosofia é a meditação da morte, coisa que convém sobretudo, aos cristãos, os quais desprezada a ambição terrena, vivem num estilo de vida disciplinado, à semelhança da pátria futura” (HUGO de São Vitor, 2001, p. 85).

Passando para a divisão da filosofia, segundo Antônio Marchionni Hugo apresenta duas perspectivas que estavam presentes no seu horizonte de reflexão na Idade Média: “a) a tradição platônico-estóico-agostiniano-isidorenses, que divide a filosofia em *física, ética e lógica*, b) a tradição aristotélico-alexandrino-boeciana, que divide a filosofia em *teórica, prática e poética*” (MARCHIONNI, *In*: HUGO de São Vitor, 2001, p. 16). Aproximadamente durante três séculos não houve nenhum desenvolvimento nas “Introduções à Filosofia”. É exatamente nesse hiato na construção do pensamento filosófico, que o século XII emerge, depois da repercussão dos “textos greco-árabes e dos primeiros textos científicos de Aristóteles”, com Hugo de São Vitor e o *Didascálicon*, propondo uma nova disposição ao aprendizado.

Portanto, o grande diferencial dessa introdução ao saber de Hugo é a inclusão das ciências mecânicas, manuais, na reflexão filosófica que, diferenciada das anteriores, é dividida em quatro partes: *teórica, prática, mecânica, lógica*. Antônio Marchionni apresenta a divisão da filosofia proposta por Hugo na Introdução do *Didascálicon* da seguinte forma:

A *teórica* se divide em teologia, matemática e física; a matemática compreende aritmética, geometria, astronomia e música. A *prática* se divide em solitária (ética, moral), privada (econômica, dispensativa), pública (política, civil). A *mecânica* engloba 7 ciências: manufatura da lã, armadura, navegação, agricultura, caça, medicina, lazer. A *lógica* se divide em gramática (arte de escrever) e *ratio disserendi* (arte de argumentar); a arte de argumentar se divide em demonstrativa, provável e sofística; a provável se divide em dialética e retórica (MARCHIONNI, *In*: HUGO de São Vitor, 2001, p. 17)

A introdução da mecânica na reflexão filosófica também chama a atenção para uma concepção aristotélica de que a filosofia deve abranger a diversidade dos seres.

Porém, o destaque dessa introdução não se restringe apenas ao acréscimo de mais uma área no conhecimento filosófico, a saber, a mecânica (o trabalho humano); mas ao fato de que

a base indispensável na construção do(a) aluno(a) para o conhecimento da Sapiência acontece a partir das ciências prática, mecânica e lógica. O caminho que conduz os(as) estudantes à Sapiência, depois da preparação estabelecida, é a investigação do quadrívio – constituído pela aritmética, geometria, astronomia e música – em conjunto com a teologia e física.

Esse caminho de conhecer a Sapiência acontece através da leitura, da reflexão e da contemplação.

O ato de ler, destaca Antônio Marchionni, para Hugo, é ócio (*otium*). O significado do *otium* em latim é: “a) inação, repouso, tempo livre (em oposição a negócio – negação do *otium* – trabalho, pressa), b) dedicação aos estudos e à expressão da consciência humana (*scribendi otium*, disponibilidade para escrever, diz Cícero em *Ofícios* 2, 4)” (MARCHIONNI, In: HUGO de São Vitor, 2001, p. 33). Neste sentido, o ócio é um tempo livre onde o(a) estudante se dedica à leitura em busca do conhecimento que conduz à Sapiência e ao autoconhecimento. Mas, o ócio não diz respeito apenas a leitura, ele abrange todo o processo de saber, ou seja, começa com a leitura, passa pela meditação e termina na contemplação. Assim, segundo Hugo, o ócio é quietude, como ele mesmo assevera: “a quietude da vida, seja interior, para que a mente não se perca em desejos ilícitos, seja exterior, para que o ócio e a comodidade permitam estudos honestos e úteis, ambas pertencem à disciplina moral” (HUGO de São Vitor, 2001, p. 165). Todavia, o êxito na busca pelo saber não depende somente do ócio e da leitura, também é necessário o método adequado para se alcançar o objetivo. Sobre isso, Hugo declara que independente do trabalho realizado, dois fatores são indispensáveis: a aplicação e o método da aplicação. E ambos os itens são indissociáveis, porque, por um lado, se desejarmos realizar algum trabalho sem o método, desferiremos golpes sem direção alguma, desperdiçando energia aleatoriamente. Por outro lado, se edificarmos sem aplicação, nos faltará vigor e foco suficiente para levar a êxito o nosso propósito, como Hugo esclarece: “Aquele que trabalha sem método, trabalha muito, sim, mas não avança e, como a chicotear o ar, espalha as forças ao vento” (*Ibid.*, p. 217). Conectando essa reflexão com a leitura da Escritura, ele continua:

E o que denominaria eu a Escritura senão uma floresta, cujas frases colhemos na leitura como se fossem frutos dulcíssimos e as ruminamos na reflexão? Aquele, portanto, que em tão grande multidão de livros não mantém um método e uma ordem de leitura, este, como se vagueasse na densidade da floresta, perde o caminho do percurso certo ‘sempre estudando – como se diz – nunca chegando ao saber’ (*Ibid.*, p. 217)

Isto é, sem o ócio não é possível, segundo Hugo, alcançar o conhecimento, pois o(a) estudante estaria dividido(a) com outras atividades. Porém, o ócio sem o método transformaria o trabalho improdutivo.

Pensando nos obstáculos que podem surgir nesse caminho do conhecimento, Hugo administra três situações: 1) a negligência, 2) a imprudência, 3) a má sorte. A negligência é estudada considerando duas possibilidades: o desvio pleno do objetivo no estudo ou a falta de empenho necessário no processo de aprendizagem. A imprudência diz respeito a desorganização, ou seja, nos desviamos do método pré-estabelecido. A má sorte tem a ver com um infortúnio, uma situação inesperada, de força maior, que nos afasta dos estudos, seja nos afetando, ou acometendo os professores, ou até mesmo a instituição.

Como toda ação gera uma reação, Hugo adverte que pela negligência o(a) estudante deve ser repreendido(a). Se o caso for a imprudência, o(a) estudante deve ser instruído(a). Se a situação for caracterizada como má sorte, o(a) estudante deve ser socorrido(a).

Contudo, se o ócio for vivenciado na íntegra, ele se torna, como diz Antônio Marchionni, “reparador, restaurador e inspirador” (MARCHIONNI, *In*: HUGO de São Vitor, 2001, p. 34). É nesse contexto que a leitura manifesta uma relação de afetividade, de moralidade e de sociabilidade, um verdadeiro estilo de vida que produz não apenas conhecimento, mas “consolo a quem a procura, felicidade a quem a encontra, beatitude a quem a possui” (*Ibid.*, p. 34), porque leva o(a) estudante ao encontro com a Sapiência.

Ainda falando sobre a leitura, é preciso entender que, de acordo com Hugo, a leitura divide. Essa definição diz respeito a natureza do que se lê, porque isso gera impacto na seleção das coisas que lemos. Segundo o autor, existem as coisas finitas e infinitas e, em face da proximidade conosco, a ciência parte das coisas mais aproximadas, divisíveis e inteligíveis para as mais distantes, ou seja, começamos pelas coisas finitas para progredirmos até as infinitas, como ele mesmo afirma: “A aprendizagem começa das coisas mais nítidas e, pelo conhecimento delas, chega ao conhecimento das ocultas” (HUGO de São Vitor, 2001, p. 149). Neste caso, esse método racional é evidenciado quando “descemos dos universais para os particulares dividindo e investigando a natureza de cada coisa” (*Ibid.*, p. 149). Contudo, quanto mais particularizamos o conhecimento das coisas, mais diversificado se torna nosso horizonte de pesquisa e, conseqüentemente, mais complexo. Por isso, Hugo defende que os(as) estudantes iniciem seus estudos começando pelas coisas mais conhecidas, determinadas e abrangentes, porque são menos complexas. Após assegurar-se da apreensão destes saberes, aí sim o(a) aluno(a) estará

em condições de, lentamente, buscar o entendimento das coisas mais particulares e mais divisíveis, sempre partindo das mais singulares, esquadrinhando a essência destas.

Entretanto, também se faz necessário a reflexão sobre o que deve ser lido, porque, como vimos acima, a leitura deve ser proposital e metodológica, não acidental e sem um fim. Pensando nisso, antes de oferecer uma sequência daquilo que deve ser lido, Hugo descreve as artes e seus criadores:

Teólogo, entre os gregos, foi Lino. Entre os latinos foi Varro. E o teólogo do nosso tempo é João Escoto...

A física natural foi iniciada entre os gregos por Tales de Mileto [...] e entre os latinos foi Plínio...

A aritmética foi iniciada por Pitágoras [...] Entre os latinos foi traduzida primeiro por Apuleio e depois por Boécio...

Inventor da música foi, como disse Moisés, um certo Tubal [...] para os gregos foi Pitágoras ou, segundo outros, Mercúrio...

A geometria, dizem, foi primeiro descoberta no Egito, e seu melhor expositor entre os gregos foi Euclides [...] Eratóstenes, que mediu a circunferência da terra.

A astronomia, dizem alguns, foi iniciada primeiramente por Cam, filho de Noé [...] a astrologia foram os caldeus [...] José afirma que foi Abraão o primeiro a formar os egípcios na astrologia. Ptolomeu, rei do Egito, reorganizou a astronomia [...] o gigante Nemrot foi um astrólogo exímio [...] Os gregos dizem que esta ciência foi ideada primeiro por Atlas...

O inventor da ética foi Sócrates [...] Platão, discípulo dele, compilou vários livros *Sobre a república* a respeito das duas justiças, a saber, a natural e a positiva. Mais tarde Cícero organizou os livros *Sobre a República* em língua latina. Também o filósofo Fronto escreveu o livro *Strategematon*, isto é, sobre a conduta militar.

A mecânica teve diversos iniciadores. Hesíodo de Ascre, entre os gregos [...] depois dele Demócrito. Mago, o cartaginês [...] entre os romanos o primeiro a escrever *Sobre a agricultura* foi Catão, argumento que, em seguida, Marco Terêncio aperfeiçoou. Também Virgílio escreveu as *Geórgicas*, e depois dele vieram Cornélio e Júlio Ático, Emiliano e também Columela [...] Vitruvius escreveu *Sobre a arquitetura* e Paládio *Sobre a agricultura*.

A arte de fabricação de lã, conforme se conta, foi ensinada aos gregos por Minerva [...] Discípulo dela foi Dédalo [...] No Egito foi Ísis [...] Na Líbia, o primeiro uso da lã adveio do templo de Antônio.

O primeiro a promover guerras foi Nino, rei dos assírios. Crê-se que Vulcano foi o primeiro fabro, mas a Escritura Sagrada diz que foi Tubal. Prometeu foi o primeiro que inventou o uso do anel...

O uso de navios foi introduzido inicialmente pelos pelágios. Ceres foi a primeira na Grécia a descobrir o uso do trigo, e no Egito foi Ísis. Pluno, na Itália [...] enquanto Tago, na Espanha, introduziu o método de semear. Entre os egípcios foi Osíris que descobriu o cultivo da uva, e entre os indianos foi

Libero. Dédalo foi o primeiro a fazer a mesa e a cadeira. Um certo Apício foi o primeiro a compor o receituário da cozinha...

O iniciador da medicina entre os gregos foi Apolo, cujo filho Esculápio [...] enobreceu esta ciência [...] Hipócrates, engendrado pelo pai Asclépio na ilha de Coos, trouxe-a de novo em evidência.

Acredita-se que os espetáculos públicos iniciaram com os lídios, os quais vieram da Ásia...

O alfabeto hebraico, conforme tradição, iniciou com Moisés na Lei. O dos caldeus e dos sírios com Abraão. Ísis inventou o alfabeto dos egípcios; os fenícios inventaram o alfabeto grego [...] Carmenta [...] o alfabeto latino.

Moisés foi o primeiro a escrever uma história divina. Entre os pagãos, foi o frígio Darete a escrever a história de Tróia [...] na Grécia foi Heródoto [...] depois dele brilhou Ferécide, na mesma época que Esdras escreveu a Lei. Crê-se que Alcmone de Crotão foi o primeiro a inventar as fábulas.

O Egito é mãe das artes [...] nos tempos de Osíris, marido de Ísis, foi inventada pela primeira vez a gramática. Também de lá foi inventada pela primeira vez a dialética por obra de Parmênides [...] Platão [...] na Academia, que era a casa dele, dedicou-se aos estudos da filosofia [...] O primeiro a traduzir a dialética do grego para o latim foi Marco Terêncio Varro. Em seguida, Cícero elaborou os *Tópicos*. Diz-se que o inventor da retórica entre os gregos foi Demóstenes [...] entre os latinos Tísia, entre os siracusanos Corace. A retórica, escrita em grego por Aristóteles, Górgias e Hermágoras, foi traduzida para o latim por Túlio, Quintiliano e Ticiano (HUGO DE São Vitor, 2001, p. 131 – 137)

De todas as artes (ciências) expostas acima, tanto Hugo quanto os antigos enfatizaram sete delas, pois notaram que o profundo conhecimento destas levaria ao conhecimento das demais. A utilidade dessas artes também se encontra no fato de que elas fornecem as condições necessárias para o conhecimento filosófico que, conseqüentemente, conduz o ser humano ao conhecimento da Sapiência, como afirma Hugo:

Elas são como instrumentos ótimos e tirocínios pelos quais ao espírito é preparada a via para o pleno conhecimento da verdade filosófica. Por esta razão se chamaram ‘trívio’ e ‘quadrívio’, pois por elas, como se fosse por algumas vias, o espírito vivo penetra nos segredos da Sabedoria (*Ibid.*, p.139).

Ainda podemos acrescentar um benefício existente na dedicação ao estudo do trívio e quadrívio, a saber, o conhecimento de si mesmo. Porque é no conhecimento filosófico que o estudante penetra nas profundezas da Sapiência, e a conhecendo ele conhece a si mesmo, como disse Antônio Marchionni “conhecendo-a, conhecemos a nós mesmos” (MARCHIONNI, *In*: HUGO de São Vitor, 2001, p. 10).

Dada a importância do estudo dessas ciências e, obviamente, da leitura como meio para se adquirir esse conhecimento, é necessário que o(a) estudante se comporte com muita dedicação, investindo tempo não em coisas supérfluas que dispersam a mente, mas focando

naquilo que útil e promissor. Por isso, Hugo indica a escolha do estudo das artes, não dos seus complementos, já que somente aquelas estão submetidas à filosofia, que, por sua vez, conduz aos resultados supracitados.

Entretanto, para Hugo, há quatro degraus na busca por esse conhecimento, e a leitura é apenas o primeiro. Além deste, ele menciona a meditação, a oração e a prática. Ainda existe um quinto, que também pode ser denominado como resultado dos quatro primeiros: a contemplação.

A leitura, como primeiro passo, ainda que bem regulamentada por Hugo, é dos principiantes. A perfeição está na contemplação. Hugo apresenta o passo-a-passo e os resultados de cada etapa na vida do(a) estudante: “o primeiro degrau, a leitura, dá o entendimento; o segundo, a meditação, engendra o discernimento; o terceiro, a oração, pede; o quarto, a prática, procura; o quinto, a contemplação, encontra” (HUGO de São Vitor, 2001, p. 229).

A leitura proporciona o entendimento daquilo que precisa ser realizado, mas nem é o estágio final, nem é suficiente à perfeição.

Depois dele, continuando na busca da plenitude, a meditação é o próximo passo. Nela o propósito a ser conquistado é o discernimento, ou pensar com discernimento, o fim da aprendizagem. Sobre isso acrescenta Wesley Athayde: “A meditação é mostrada como método para seguir os vestígios da causa origem e proveito das coisas” (2009, p. 19). A meditação, cujo objetivo é vislumbrar a verdade, tem o seu prazer em três coisas: a averiguação da verdade, o anseio pelo conhecimento profundo e a clareza no entendimento. Ela também é proveitosa para consolar a alma humana, pois, nos livrando ou suspendendo temporariamente do terreno, nos lança na experiência com o Eterno nos fazendo desfrutar de um dos benefícios da eternidade, isto é, da paz. Outra virtude da meditação é que nos concede tanto o conhecimento quanto a alegria, já que a busca pela filosofia é amor à sabedoria, e a sabedoria é a Sapiência. O encontro com a Sapiência é um espaço de gozo, por a alegria ser um atributo da Sapiência. Outro ponto importante acerca da meditação é que ela nos possibilita realizar os deveres conhecidos. Sobre isso, Wesley Athayde diferencia as realizações humanas das realizações animais. Estes agem sob instinto, aqueles não são orientados apenas pelo instinto, mas anteceditos pelos seus pensamentos, ou seja, a reflexão deve preceder a execução. Porque, é possível ter o entendimento e não saber utilizá-lo de forma prática, e não são poucos os que conseguem desenvolver uma admirável intelectualidade sem, contudo, tornar-se sábio, já que é próprio do sábio encontrar a melhor aplicação do conhecimento. Assim retornamos à filosofia, porque a

reflexão e o pensar são característicos do labor filosófico. Logo, a filosofia deve reger todos os nossos atos que, segundo Hugo, são do domínio desta: “os estudos da natureza das coisas, da disciplina dos costumes e todos os atos e esforços humanos” (ATHAYDE, 2009, p.18). Ainda sobre a meditação, Hugo descreve três tipos: “O primeiro consiste no exame da conduta, o segundo no conhecimento minucioso dos mandamentos, o terceiro na investigação das obras divinas” (HUGO de São Vítor, 2001, p. 151). A meditação da conduta se refere aos vícios e virtudes. A meditação nos mandamentos divinos produz o conhecimento dos três tipos de mandamentos: preceptivo, promitente, aterrador. A meditação nas obras de Deus também proporciona uma reflexão sobre os três tipos: as criadas por sua potência, as guiadas pela sua Sapiência, as reforçadas pela sua graça.

Prosseguindo rumo ao topo, Hugo destaca a ineficiência do ser humano sem o auxílio divino. Porquanto, mesmo que este alcança o nível do discernimento através da leitura e da meditação, ainda assim se encontrará em fraqueza e ineficácia, condição característica humana, segundo o autor. Para suprir esta necessidade, Hugo estabelece como o próximo degrau a oração, sem a qual não seria possível acessar a graça de Deus, produzindo dois efeitos na vida prática, a saber, a iluminação do caminho e a realização do bem, como ele afirma:

Levante-se para a oração, e peça a ajuda de Deus, sem a qual você não pode fazer bem algum, de modo que a graça dele, a qual, indo à sua frente, o iluminou, seguindo-o, dirija os seus pés no caminho da paz e leve ao efeito da boa obra aquilo que ainda está somente na vontade (HUGO de São Vítor, 2001, p. 229).

A graça de Deus, encontrada na prática da oração, leva a efeito o caminho ideal à realização da vontade, como a própria Sapiência diz: “Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15, 5).

Entretanto, não há valia na preparação promovida pela leitura, meditação e oração se esta não conduzir o ser humano à realização. É na prática que a graça de Deus, capacitadora de todo o processo efetuado anteriormente, manifestará os seus frutos. Se, mencionado, sem Deus nada podemos fazer, sem fazermos nada podemos realizar, porque nada merece aquele que não se dispõe a trabalhar, como destaca Hugo: “Se você opera sozinho, nada consegue, se Deus opera sozinho, você nada merece. Portanto, opere Deus para que você possa, e opere você também, para que mereça algo” (HUGO de São Vítor, 2001, p. 229).

Com essa combinação entre a preparação humana, aquilo que compete a nós, e a manifestação da graça divina, aquilo que depende de Deus, é que o ser humano vivencia o caminho que conduz à vida, à perfeição, que se diferencia do viver. Quando falamos “à vida”

não nos referimos simplesmente ao ato de existir, mas à existência em sua plenitude, ou seja, realizando o *telos* divino, aquilo para o qual fomos criados pela Sapiência. Tal perfeição encontrada por aquele que passa por todos esses degraus é a contemplação. A contemplação consiste na validação do agir, na significação e retroalimentação dos quatro passos anteriores – a leitura, a meditação, a oração e a prática –, na procura e entendimento do Criador através da sua criação, na compreensão da ética, dos mandamentos e das obras de Deus, e, finalmente, ainda nos oferece um extremo consolo e conforto na hora da adversidade, pois nos elevando à Sapiência nos abriga no refúgio seguro da paz que será plena após a morte.

Em suma, quando, segundo Hugo, o(a) estudante ascende pelos quatro degraus, a contemplação/perfeição o encontra. Por isso, assevera ele, o objetivo do(a) estudante “deve ser o de sempre subir” (HUGO de São Vítor, 2001, p. 231). Todavia, Hugo não é ninguém alheio à realidade da vida e seus contratempos. Ele é plenamente consciente de que mesmo desejando “subir”, muitas são as situações existenciais que não apenas nos impedem de tal feito, como também nos impulsionam no sentido contrário, ou seja, para baixo. Pensando nisso, ele discorre sobre algo indispensável na vida que é o desejo de subir:

Aquele que na prática é avançado, reza, para que não canse; aquele que persiste nas orações e não quer equivocar-se no rezar, medita sobre o que deve rezar; e aquele que vez e outra não confia no seu próprio discernimento, volta a consultar a leitura. E assim acontece que, mesmo tendo sempre a vontade de subir, às vezes a necessidade nos obriga a descer, de maneira tal, porém, que o nosso objetivo seja determinado pela vontade e não por esta necessidade. O nosso objetivo é subir, e por causa deste objetivo às vezes devemos descer. Em todo caso, o mais importante não é descer, mas subir (*Ibid.*, p. 231)

Além dos quatro degraus que levam o(a) estudante à perfeição, Hugo ainda destaca o valor das qualidades morais descritas por um sábio, relativamente ao modo e a forma de aprender. O sábio disse: “Mente humilde – respondeu – ânsia de querer, vida quieta, consideração silenciosa, pobreza, terra estrangeira. Isto costuma descortinar a muitas coisas obscuras da leitura” (2001, p. 153 – 154). Sendo assim, o sábio apresentou duas qualidades morais: humildade e ânsia por conhecimento (também representada como dedicação à pesquisa); e quatro qualidades na vida: vida quieta, análise detalhada ou consideração silenciosa, pobreza e terra estrangeira.

Quando o(a) estudante desenvolve essas qualidades morais e vitais, vence os obstáculos que procuram desfocar a atenção necessário para o aprendizado e consegue avançar nos cinco degraus propostos por Hugo, o resultado é o conhecimento das artes, que conduz ao conhecimento da Sapiência – o propósito da filosofia –, e uma vida que cumpre o *telos* divino.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos, portanto, que mesmo estando diante de um autor da baixa Idade Média, no século XII, que vivencia problemas de sua época e escreve buscando resolver essas questões, ou propor possíveis soluções, estamos, também, diante de uma pedagogia que parece transcender os tempos e nos alcançar hoje, em pleno século XXI, como disse certo escritor citado acima: “a pedagogia aqui descrita transcende a época em que se realizou como fato histórico; ela pertence, pensamos também nós, ao número daquelas coisas que não passam mais” (*ibid*, 2001, p. 16).

Ela transcende o tempo, porque em minha experiência no PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência –, que perdurou dezoito meses, e aconteceu em duas escolas de referência (EREM – Escola de Referência do Ensino Médio), e em uma escola da rede privada onde leciono no momento, pude perceber uma grande dificuldade na educação básica, a partir deste pequeno recorte, a saber, a falta de leitura por parte dos(as) estudantes. Contexto bastante agravado com o incentivo da utilização de aparelhos eletrônicos, proposto em algumas metodologias que tentam redirecionar esse ímpeto pelo visual no processo de aprendizagem, mas, que, em alguns cenários, termina promovendo uma substituição dos livros e da leitura pelos vídeos e visual.

Porquanto, faz-se necessário um contrabalanço que reafirme a importância de uma leitura teleológica, porque o ato de ler, segundo Hugo, requer um propósito, contribuindo na formação integral do(a) estudante e no seu protagonismo juvenil, já que a proposta filosófico/pedagógica dele tem como finalidade a construção de uma autonomia por meio de princípios norteadores que começam com a leitura e conduzem o(a) discente à contemplação – a perfeição do saber.

REFERÊNCIAS

HUGO de São Vitor. **Didascálicon**: da arte de ler. Tradução e introdução de Antonio Maschionni. Petrópolis: Vozes, 2001. 293 p.

_____. **A instrução dos principiantes**. Tradução e introdução de Eduardo Zaratini. Campinas: Kíron, 2021. 90 p.

PRINCÍPIOS fundamentais de pedagogia de São Vitor de Vitor. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/sine>. Acesso em: 23.11.2021.

FAETHE, Sílvia Berbert de Andrade. Contribuições de Hugo de São Vitor para as universidades. In: **VIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais**. Maringá: Universidade Estadual do Paraná, 2010. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2009/trabalhos.html>. Acesso em: 07.08.2022.

ATHAYDE, Wesley Rodrigues. **As artes liberais e mecânicas**: uma via para o conhecimento da sapiência, segundo Hugo de São Vitor. São Paulo: PUC-SP, 2009, 105 p. Dissertação (mestrado em História)

ALMEIDA, João Ferreira. **Bíblia de estudo Genebra**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, 1969 p.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Tradução de Vincenzo Cocco e notas de Joaquim de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores)

MARCHIONNI, Antônio. **Trabalho e razão no Didascalicon de Hugo de São Vitor**. Campinas: UNICAMP, 1998, 220 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia).

NOTAS sobre a pedagogia de Hugo de São Vitor. Disponível em: [file:///D:/Documenta%20Chatolica%20mnia/99%20-%20Pr...s%20Library/001%20-Da%20Fare/01/NotasPedagogia-2.htm\(1 of 2\)](file:///D:/Documenta%20Chatolica%20mnia/99%20-%20Pr...s%20Library/001%20-Da%20Fare/01/NotasPedagogia-2.htm(1%20of%202)). Acesso em: 2006-06-02 15:18:59

JUNIOR, Wilson Arnhold Chagas. De Hugo de São Vitor a Pedro Abelardo: a importância das virtudes morais para a vida de estudos no século XII. TCC, Bacharelado em História, UFRGS, Porto Alegre, p. 46, 2014.

HAMZE, Amélia. HAMZE, Amélia. **Professor Pedagogo**. Brasil Escola. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/professor-pedagogo-condutor-de-criancas-a-empreen.htm#:~:text=Trabalho%20Docente,ajuda%20a%20conduzir%20o%20ensino>. Acesso em 24.10.2022.

GRUPO ESCOLAR, 2006. Disponível em: <https://www.grupoescolar.com/pesquisa/pedagogia-tecnicista.html>. Acesso em: 16.08.2022.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da educação na Idade Média**. Campinas: Editora Kirios, 2018.

_____. **Instruções Didáticas**. Tradução de Ary Estevão Pintarelli. In: **Scintilla**, v. 3, n. 2, p. 129 – 147, 2006.

_____. **Do modo de aprender e meditar**. In: **Scintilla**, v. 9, n. 2, p. 179-, 2012.

_____. **Textos notáveis sobre a memória**.

_____. **Opúsculo sobre o modo de aprender e meditar**.

Obras secundárias

ATHAYDE, Wesley Rodrigues. A sapiência e as artes liberais segundo Hugo de São Vitor. **Humanidades em Diálogo**, vol. I, n. I, 2007.

BONETTI, Carolina Peixoto Gontijo de Oliveira. **Leitura e memória em Didascalicon de studio legendi**: recursos didáticos atemporais. Paranaíba: UEPA, 2018, 128 f. Dissertação (Mestrado em Ensino).

CARNEIRO, Douglas de Castro. O ensino no *Didascalicon* de Hugo de São Vitor. In: **VIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais**.

COSTA, Ricardo da. A ciência no especulativo medieval (Hugo de São Vitor). **SINAIS – Revista Eletrônica Ciências Sociais**. Vitória, v. 1, n. 5, 2009.

FERNANDES, Clístenes Hafner. **Opúsculo sobre o modo de Aprender e Estudar — Hugo de São Vítor**

IRIE, Michele Cristina. **Método de ensino de Hugo de Saint Victor.**

[HTTPS://pt.linkedin.com/pulse/ora-et-labora-ore-como-se-tudo-dependesse-de-deus-e-todescattomba](https://pt.linkedin.com/pulse/ora-et-labora-ore-como-se-tudo-dependesse-de-deus-e-todescattomba).

LACALLE, Juan Manuel. Das artes liberais às humanidades digitais: a leitura antes e depois do *Didascalicon* de Hugo de San Víctor. **Revista Signum**, v. 15, n. 2, 2014.

MARCHIONI, Antônio. As *arts mechanicae* como via para o conhecimento de Deus em Hugo de São Victor e São Bernardo. **Revista Española de Filosofía Medieval**, n. 60, p. 661 – 685, 2004 (PDF)

NOGUEIRA, Maria Simonde Marinho. O *Didascalicon* de Hugo de São Victor – regras de leitura enquanto normas de vida. **Revista Eletrônica Mirabillia**, n. 16, p. 53 – 64, 2013.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da educação na antiguidade cristã**. Campinas: Kíron, 2018.

OLIVEIRA, Terezinha. ***Didascálion*, da arte de ler: a leitura como instrumento educativo no século XII Medievo**.

PACHECO, Maria Candida Monteiro. A filosofia e as ciências no *Didascalicon* de Hugo de São Victor. **Revista da Faculdade de Letras — FLUP -Série II**, v. 14, p. 107 – 117, 1997.

PERIN, Conceição Solange Bution; OLIVEIRA, Terezinha; MENDES, Claudinei Cláudio Magno Magre. Um estudo sobre alguns dos ensinamentos realizados por Hugo de São Vitor e São Boaventura de Bagnoregio. **Interfaces Científicas**, v. 5, n. 3, p. 113 – 122, 2017.

REINHARDT, Elisabeth; SARAYANA, Josep Ignasi. La configuración de la ciencia teológica: de Hugo de San Vícto a Tomás de Aquino. **Veritas**, v. 43. n.3. p. 471 – 472, 1998.

SANTOS NETO, João Paulo dos. **Pensados na mente de Deus: os fundamentos do saber em Hugo de São Vítor**. Manaus: UFAM, 2019, 95 f. Dissertação (Mestrado em História).

SILVA, Filipe. Teologia e teoria das ciências em Hugo de S. Vitor. **Mediaevalia – Textos e Estudos**, v. 21, p. 21 – 36, 2002.

SILVA, Pedro Henrique Ciucci da. *Didascálion* e a educação para Hugo de São Vitor. **Revista Pandora Brasil**.

SPEER, Andréas. Amor vel studium sapientiae – filosofia e sabedoria em Hugo de São Victor e Theirry de Chartres. In: STEIN, Ernildo (org). **A cidade de Deus e a cidade dos homens**: de Agostinho a Vico. Festschrift para Luis Alberto de Boni. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. v. 1, p. 275 – 290.

STAMMBERGER, Ralf. Hugh of Saint Victor and Peter Abelard. **Revista Portuguesa de Filosofia**, Braga, v. 58, p. 65 – 92, 2002.

VIANA, Ana Paula dos Santos; OLIVEIRA, Terezinha. Abelardo e Hugo de Sant Victor: um estudo da educação citadina no século XII. In: **Anais do IX Congresso Brasileiro de Educação**. Curitiba, [s.d.].

VIANA, Ana Paula dos Santos; OLIVEIRA, Flávio Rodrigues de. A arte de ler: uma análise entre Hugo de Saint Victor e a educação. In: **IX ANPEDSUL**, 2012